



Ano 4 | # 1 | edição semestral | junho de 2012

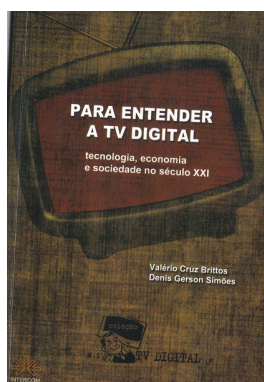
Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

Perspectivas da TV Digital no Brasil

BRITTOS, Valério Cruz. *Para entender a TV digital: tecnologia, economia e sociedade no século XXI* / Valério Cruz Brittos e Denis Gerson Simões. São Paulo: Intercom, 2011. 98p. (Coleção TV Digital; 1).

ISBN: 978-85-88537-76-7

Rodrigo Gabrioti¹



Quatro anos separam o Brasil da transmissão televisiva digital total e definitiva. O prazo estipulado é junho de 2016. Ainda são inúmeras as dúvidas sobre o novo sistema. Aos brasileiros, de modo geral, consumidores de TV, o que mais se promete é a interatividade ainda incipiente. Para contribuir com essa nova prática comunicacional a Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) lançou a Coleção TV Digital cuja proposta é difundir os estudos do tema no Brasil.

No volume I, Valério Cruz Brittos, professor titular do Programa em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, e o mestrando Denis Gerson Simões produziram a obra “TV digital: tecnologia, economia e sociedade no século XXI”. A coleção será ampliada com outros volumes produzidos por pesquisadores e profissionais da TV Digital.

O sistema de televisão digital implica alterações significativas nas áreas técnica, artística, gerencial, comercial e tecnológica provocando verdadeiras transformações nas formas de fazer, organizar, veicular e fruir conteúdos.

¹ Jornalista formado pela Universidade de Sorocaba. Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba.

Os autores consideram o conteúdo “a chave do sucesso da TV embora se saiba que *produção, programação e distribuição* formam um conjunto de mensagens intencionais dos emissores.

Com a digitalização, a produção de programas de TV requer cuidados técnicos especiais. A *programação* continua estabelecendo a grade de horários com chances de renovação na tv digital, pois, pode atender ao consumo sob demanda. Será possível ao telespectador escolher o conteúdo a assistir na hora em que quiser. Essa tendência coloca em xeque o sistema de grade de programação experimentado até hoje no Brasil. O acesso a isso se dá por meio de *download* como ocorre nos computadores. É um desafio chegar a isso, afinal, estamos acostumados com a programação sequencial. Quanto à *distribuição*, a transmissão da tv digital poderá ser em sinal aberto, por assinatura, telefonia móvel ou fixa e pela Internet, advento de transformação social da década de 90, fundamental para a convergência tecnológica de sua plataforma com o suporte televisão.

A transmissão digital iniciou-se, no Brasil, em 2 de dezembro de 2007. Por ter maior compreensão de dados de áudio e vídeo, o modelo japonês levou vantagem sobre o americano e o europeu, por isso, foi escolhido. Segundo os autores, a escolha atendeu também um forte apelo político-econômico entre as duas nações. A digitalização da televisão, no Brasil, é, segundo Brittos e Simões, tardia. Na década de 1990, Estados Unidos e União Europeia já delineavam suas regras. Porém, no Brasil, os canais de televisão são concessões públicas e a padronização do sistema dependia do Governo.

A digitalização eclode como um dos instrumentos da readequação da televisão ao cenário tecnológico, mercadológico e social buscando adaptar o meio a uma nova cultura de consumo de bens simbólicos em que a convergência e a interatividade são destaques. Som e imagem são transformados em dados codificados dentro de uma base binária com linguagem semelhante à dos computadores e funcionam como novos dispositivos de fruição do audiovisual. Quando tratam da convergência, Brittos e Simões se utilizam do autor Henry Jenkins para explicar que as mudanças são tecnológicas e também individuais. Logo as novas formas de assistir televisão representam mudanças culturais. Oferecem-se produtos convergentes a usuários com novos hábitos. Frente tantas possibilidades, o espectador tem novas experiências e gradativamente deixa de manter a fidelidade com o meio de comunicação. Chegaremos à PluriTV, um somatório de convergências, inovações, outros fluxos e práticas.

Embora a qualidade técnica seja o primeiro fator a ser levado em consideração, muito ainda há por se fazer na tv digital que está em especulação e fase de testes, pois, sua

adesão é minoritária. As chances de processos a serem incorporados são tantas que o próprio *software* onde é mantido o *middleware* Ginga, desenvolvido pelos Laboratórios Telemídia da PUC-Rio e LAViD da UFPB está aberto a alterações, ampliações e adaptações às necessidades futuras. É por meio desse sistema que se pretende alcançar a interatividade e a ampliação das funções da TV que terá outras potencialidades resultantes dos processos de convergência tecnológica. Convém ressaltar que de nada adianta a técnica da digitalização sem o capital humano para aplicá-la seja nas representações de produção ou recepção. O que se visualiza para daqui quatro anos é a manutenção da TV, como negócio, atendendo as novas demandas do consumidor com novas formas de trabalho e transmissão da informação além de possibilidades diferentes de acesso. Convergente, sabemos que ela é, interativa ainda não.